



20 ANOS

acção
SOCIALISTA

COERÊNCIA, MODERAÇÃO E RIGOR
— UM NOVO ESTILO PARA O PS
— *debaix' Vitor Constâncio os estatutos se tornam justos*

UGT **COMISSÃO DO SINDICALISMO DEMOCRÁTICO**

JS — 400 DELEGADOS DE TODO O PAÍS NO III CONGRESSO

JRANE GAMA PLANO DE EMERGENCIA PARA O PS

O QUE FOI AFINAL O 25 DE NOVEMBRO?

POEMA INÉDITO

1978
1998

ÓRGÃO OFICIAL DO PARTIDO
PS
ACÇÃO
SOCIALISTA

1978

Jornal aberto a todos os ventos inovadores e tribuna de combate

A 30 de Novembro de 1978 nascia um novo jornal: o «Acção Socialista», órgão oficial do PS.

Iniciava-se então um percurso que já leva duas décadas. O camarada Alfredo Barroso era o director. Liderava uma equipa de redactores onde as notas dominantes eram a qualidade aliada à militância. O camarada Mário Ribeiro orientava graficamente e o fotógrafo era Lobo Pimentel Júnior. A camarada Maria Emília Tito de Moraes era a administradora, uma tarefa que executou com admirável empenho e militância ao longo de vários anos. O jornal de todos os socialistas custava então sete escudos e 50 centavos e era composto, revisto, montado e impresso na CEIG, uma empresa gráfica com os melhores profissionais do sector.

Logo no primeiro número, o «Acção Socialista» tinha tudo o que deve ser um jornal partidário, mas que se quer vivo e dinâmico. Desde «cartoons», a entrevistas, passando por artigos de opinião e doutrinários, até à mais completa informação sobre a actividade das estruturas do PS de norte a sul do País.

Acarinhado pela direcção do PS e pelos militantes, no primeiro número do nosso jornal o destaque ia para uma entrevista ao capitão de Abril Vasco Lourenço, que, algo desapontado com o rumo do País, afirmava: «Estamos mais perto do 24 de Abril do que do que teria sido um 28 de Maio do que do verdadeiro 25 de Abril.»

No primeiro número, o então secretário-geral do PS, camarada Mário Soares, inici-



ava a sua coluna regular «Entre Militantes». «O semanário que hoje inicia a sua publicação - dirigido fundamentalmente aos militantes socialistas, que o devem ler e divulgar - pode e deve ser uma tribuna fundamental. Tribuna aberta a todos os ventos inovadores. Tribuna de combate», sublinhava Mário Soares.

Ao longo do primeiro ano de publicação, escreveram regularmente artigos de opinião destacados dirigentes do PS como Manuel Tito de Moraes, António Reis, Rudolfo Crespo, Manuel Alegre, Raul Rego, Marcelo Curto, Sottomayor Cardia e Jaime Gama, entre outros.

1979

Confiar no PS - apostar em Portugal

«Confiar no PS - apostar em Portugal» titulava o «Acção Socialista» de 8 de Março, integralmente dedicado ao III Congresso do PS, que decorreu no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, e no qual participaram mais de mil delegados e cerca de 200 convidados estrangeiros, entre os quais François Mitterrand e Leopold Senghor, que usaram da palavra.

Sob o pano de fundo da oposição ao IV Governo constitucional, de iniciativa presidencial, chefiado pelo então independente Mota Pinto, e com as legislativas antecipadas no horizonte, o «Acção Socialista» dava conta do clima de unidade em que decorreu o Congresso.

Na reunião magna dos socialistas, grande parte dos trabalhos foi dedicada à discussão e aprovação do documento «Dez anos para mudar Portugal - proposta PS para os anos 80».

Na introdução do debate do importante do-



cumento, o camarada António Guterres re-afirmava o cariz tecnocrático do texto, afirmando que ele «tem em perspectiva a construção do socialismo democrático».

Reeleito secretário-geral do PS, o camarada Mário Soares, num longo discurso, afirmava: «Esperam-nos grandes lutas, decisivas. O povo português vive horas difíceis e o PS tem de estar presente em todos os campos de luta: pela melhoria do nível de vida, pelos direitos dos trabalhadores, pela defesa e alargamento das suas conquistas efectivas.»

Na primeira página do «Acção Socialista» de 19 de Julho de 1979, a manchete era «Eanes arrasta o País para crise permanente». Os órgãos dirigentes do PS contestavam a decisão de Eanes de dissolver a Assembleia da República e convocar eleições legislativas intercalares na sequência da queda na AR do Governo independente de Mota Pinto.

Os camaradas António Guterres, António Reis e Galvão Teles, em declarações ao «AS», criticavam a decisão presidencial.

«A decisão do Presidente da República só pode ser interpretada como uma cedência às pressões, aliás desesperadas, dos partidos da direita civil e eventuais grupos de pressão militares», afirmava António Guterres.

Entretanto, o general Eanes dava posse ao V Governo, formado pela católica progressista Maria de Lurdes Pintasilgo. Era um governo que tinha por missão gerir o País durante três meses até às eleições legislativas.

Na sua edição de 2 de Agosto, o «Acção Socialista» referia que na globalidade o Governo chefiado por Lurdes Pintasilgo oferecia garantias de isenção, mas acrescentava que o grande teste iria ser, porém, a Comunicação Social, nomeadamente quanto às garantias de isenção e pluralismo nos órgãos de informação estatizados.

Ao longo dos seus três meses de Governo, o Governo chefiado por Lurdes Pintasilgo iria garantir o pluralismo e ser alvo dos mais in-



críveis e inqualificáveis ataques por parte da AD, uma coligação formada entre o PSD e CDS e os reformadores (dissidentes da ala direita do PS).

Em clima de pré-campanha eleitoral, a edição de 1 de Novembro relatava com grande destaque um memorável comício do PS no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, em que intervieram, entre outros, Willy Brandt, Leopold Senghor, Leonel Brizola, Felipe González e Eden Pastora.

«Perdeu-se uma batalha mas não a guerra», escrevia Mário Soares na edição de 6 de Dezembro de 1979, na sua coluna «Entre Militantes», comentando a vitória do bloco conservador-monárquico AD nas legislativas. Cinco anos depois do 25 de Abril a direita chegava ao poder.

De salientar que ao longo do ano de 1979 o «Acção Socialista» publicava com regularidade suplementos sobre cooperativismo, sindicalismo, autarquias, emigração, mulheres e juventude.

1980

Frente Republicana e Socialista PS apoia Eanes

A oposição do PS à política reaccionária do Governo AD, a criação da FRS, a vitória da AD nas legislativas de Outubro, e a crise aberta no PS a propósito da recandidatura de Eanes à Presidência da República, foram os temas que marcaram ao longo de 1980 as edições do «Acção Socialista».

O ano de 1980 começava mal para o movimento socialista mundial. A 4 de Janeiro o «Acção Socialista» noticiava a morte do socialista italiano Pietro Nenni, aos 88 anos.

«Frente Republicana e Socialista nasceu e promete - em Outubro começa o futuro» titulava o «Acção Socialista» na sua edição de 3 de Julho de 1980. «Maioria de centro-esquerda para Governar Portugal» - síntese dos objectivos da FRS divulgada por Mário Soares em conferência de Imprensa noticiada pelo «AS».

Ladeado pelos outros dois líderes da FRS, Lopes Cardoso (UEDS) e Sousa Franco (ASDI), Mário Soares afirmava: «O Governo



AD perdeu a maioria e deve demitir-se, até porque não tem capacidade para assegurar a isenção do período eleitoral.»

A 25 de Setembro, o «Acção Socialista» relatava nas páginas centrais a «gigantesca e memorável manifestação da FRS» da Alameda D. Afonso Henriques ao Terreiro do Paço, na «maior manifestação de massas que Lisboa já viu desde 1975».

Entretanto, a AD vencida as eleições e Mário Soares escrevia no «Acção Socialista» em 9 de Outubro que «a direita terá de pagar factura das promessas eleitorais».

«PS reafirma apoio a Eanes» e «Mário Soares suspende actividade partidária até às eleições presidenciais» eram as manchetes da edição de 23 de Outubro.

Eanes abria uma crise no PS que até ao final do ano encheria muitas páginas do nosso jornal, mas sempre dando voz a todas as opiniões sobre esta questão que dividiu profundamente a família socialista.



1981

Mitterrand presidente da França Organização das Mulheres Socialistas

A edição de 14 de Maio de 1980 era inteiramente dedicada ao IV Congresso Nacional do PS e ainda à vitória de François Mitterrand, líder do PSF, nas eleições presidenciais de França.

Na reunião magna dos socialistas, em que foram aprovados os novos estatutos e reconhecida a organização das mulheres socialistas, Mário Soares, primeiro subscritor da moção «Novo rumo para o PS», era reeleito por larga maioria para secretário-geral.

No discurso de encerramento, Mário Soares apelava à unidade e ao fim das divergências internas bem patentes nas outras três moções de orientação apresentadas



por destacados militantes socialistas. Salientando que grande parte dos erros cometidos foram gerais e colectivos, Mário Soares sublinhou: «Não podemos perder mais tempo com questões internas,

fábricas.

À medida que o ano avançava crescia a contestação popular ao Governo AD chefiado por Pinto Balsemão, incapaz de com-

bater a grave crise económica do País e enredado no seu interior em lutas fratricidas entre as diversas facções da direita portuguesa.

1982

AD moribunda PSOE ganha em Espanha

«Um sinal de esperança» foi assim que nas páginas do «AS» de 16 de Dezembro, o camarada Mário Soares definiu a vitória do PS nas eleições autárquicas.

«Magnífica vitória do PS que é de novo o maior partido político nacional», titulava o órgão oficial do PS.

Num ano marcado pelo aprofundar da cri-



se interna da AD que mergulhava o País numa crise profunda, mostrando-se incapaz de resolver os grandes problemas económicos e sociais, o teste das

autárquicas não enganava: a AD descia e o PS subia, ultrapassando todas as metas que a si próprio se havia proposto.

Era o coroar de um intenso trabalho político das estruturas e dos militantes socialistas em todo o País e do notável trabalho dos deputados do PS no Parlamento, que o «AS» foi dando conta ao longo de 1982, um ano marcado ainda, no plano internacional, pela vitória do PSOE em Espanha sob o lema do «cambio». O então jovem socialista Felipe González era o novo inquilino do Palácio de Moncloa.

1983

Primeiro referendo interno Bloco Central para vencer a crise

Em 1983, no seu quarto ano de publicação, o «Acção Socialista» continua o seu objectivo de ser uma presença permanente junto dos militantes e simpatizantes socialistas, de todos aqueles que, em suma, acreditam e lutam pelos valores da liberdade, igualdade e fraternidade. Com a AD moribunda, o «Acção Socialista» de 3 de Março publicava as linhas fundamentais da campanha do PS anunciadas por Mário Soares em conferência de Imprensa e que se traduziam na «moralização da vida pública e justiça social, democracia e ressurgimento do País». Na mesma edição noticiava-se que o PS tinha estabelecido acordos com a UEDS e

a ASDI e apresentado as listas de candidatos à AR, onde não estavam os camaradas do Ex-Secretariado. O PS estava profundamente dividido.

Uma conferência de Imprensa de Mário Soares que tinha por objectivo revelar ao País a verdade sobre a crise era o tema dominante na edição de 10 de Março.

«A AD deixa um Portugal económica e financeiramente destruído», titulava o «Acção Socialista» na primeira página.

Na edição de 31 de Março, o «Acção Socialista» publicava as cem medidas que o PS tinha seleccionado do seu manifesto-programa para «governar com eficácia».

«O que está em jogo não é uma escolha



entre dois homens, mas entre duas políticas, entre a direita e a esquerda», afirma Mário Soares num comício realizado no âmbito da campanha eleitoral no Pavilhão dos Desportos em Lisboa e que era alvo de notícia detalhada na edição de 14 de Abril, que dava também um largo destaque ao XVI Congresso da Internacional Socialista, em Montechoro, que ficou marcado pelo assassinato do representante da OLP, Isam Sartawi, no «hall» do Hotel de Montechoro.

A edição de 29 de Abril era quase inteiramente dedicada à vitória do PS nas eleições legislativas.

«Tudo faremos para não decepcionar a esperança dos que em nós confiaram», afirmava Mário Soares na noite da vitória. A alegria imensa registada de norte a sul do País pela vitória do PS era motivo de grande desenvolvimento nas páginas do nosso jornal.

Uma vez que o PS se recusava a governar sozinho face à grave crise do País, Mário Soares, no primeiro referendo realizado num partido político português, consultava as bases sobre a futura política de alianças, que viria mais tarde a dar origem ao Bloco Central. O «Acção Socialista» publicava na íntegra a carta do líder do PS aos militantes.

A 5 de Maio, o «Acção Socialista» dava grande destaque à festa do 1º de Maio

da UGT no Parque Eduardo VII, em que esteve presente Mário Soares.

Na festa da UGT a grande atracção musical era Lena d'Água e a Banda Atlântida. O acordo político, parlamentar e de Governo celebrado entre o PS e o PSD, liderado por Mota Pinto, era a grande manchete da edição de 9 de Julho do nosso jornal, que publicava ainda as moções de orientação política do V Congresso Nacional do PS.

A tomada de posse do IX Governo Constitucional era a manchete da edição de 16 de Junho, onde era publicado o discurso do novo primeiro-ministro, Mário Soares, em que se alertava para a grave crise económico-financeira do País.

«Pacificação interna, apoio maciço a Soares», titulava o «Acção Socialista» de 6 de Outubro a propósito do V Congresso Nacional do PS.

A reunião magna dos socialistas, que decorreu num clima de «pacificação interna e reconciliação da grande família socialis-



ta», ocupava a maior parte das páginas do «Acção Socialista».

Na última edição de 1983 do «Acção Socialista», publicada a 29 de Dezembro, o ano que terminava era passado em revista.

A manchete era «PS volta a ser o maior partido e regressa ao Governo».

1984

Aborto finalmente despenalizado Carlos Lopes de ouro

O ano de 1984 foi muito duro para o PS e para o País. A grave situação económica do País, fruto do segundo choque petrolífero e da desastrosa governação da AD, implicou a tomada de uma série de medidas impopulares pelo Governo do Bloco Central.

No plano internacional, o mundo vivia em plena guerra-fria. Nos EUA e na Inglaterra, Reagan e Thatcher aplicavam a sua política ultraliberal, sob os aplausos da nova direita e de Milton Friedman e os seus «chicago boys». No metro de Londres e nas

ruas de Nova Iorque começam-se a fazer sentir os efeitos desta política: os sem-abrigo crescem como cogumelos e milhares de famílias mergulham na pobreza. O fosso entre ricos e pobres aumentava obscenamente nos dois países. Começava o endeusamento do mercado e o ataque ao papel do Estado na economia. Privatizar e cortar nas despesas sociais são as palavras de ordem.

Em Portugal, embora aplicando uma política de austeridade no Governo, o PS tenta



va e conseguia que os apetites neoliberais, nomeadamente o desmantelamento total do sector público da economia, de alguns sectores do PSD, seu parceiro no Governo, não se concretizassem.

O ano de 1984 começava escaldante. A questão do aborto, uma matéria que sempre dividiu a esquerda e a direita, estava no centro do debate político.

Na edição de 26 de Janeiro do «Acção Socialista», então dirigido superiormente pelos camaradas Alfredo Barroso e José Manuel dos Santos, o destaque ia para o debate sobre a despenalização do aborto.

Em dois artigos de opinião, os camaradas António Macedo e José Manuel dos Santos insurgiam-se contra a demagógica e pouco séria campanha que os adversários da despenalização do aborto (Igreja e sectores ultramontanos) promoviam de norte a sul do País.

Num documento assinado, entre outros, por Sophia de Melo Breyner, Teresa Ambrósio e João Gomes considerava-se a atitude política da Igreja na questão do aborto como «inadmissível e violentadora da consciência colectiva».

Na edição de 2 de Fevereiro publicavam-se as intervenções dos deputados socialistas durante o debate realizado na AR em que o projecto de lei do PS de despenalização do aborto, em apenas três casos, foi aprovado por toda a esquerda e alguns deputados mais à esquerda do PSD, entre os quais Helena Roseta.

Os congressos das federações distritais do PS, com destaque para o da FAUL onde foi eleito secretário-coordenador o cama-

rada Pedro Coelho, era o tema em destaque na edição de 16 de Fevereiro.

O décimo aniversário do 25 de Abril mereceu uma edição especial, com a primeira página a cores, do «Acção Socialista», que saiu no dia da Revolução dos Cravos. Fez furor o excelente arranjo gráfico do camarada Mário Ribeiro que colaborou desde o primeiro número.

Mário Soares, José Manuel dos Santos, António Macedo, Vergalho Ferreira, Mário Césariny, Sophia de Melo Breyner e Fernando Dacosta, Natália Correia, Lídia Jorge, Norberto Lopes, entre outros, assinaram artigos sobre o 25 de Abril.

A 14 de Junho, o nosso jornal dava destaque ao primeiro ano de actividade do Governo do Bloco Central chefiado pelo camarada Mário Soares e ainda à morte do eurocomunista italiano Enrico Berlinguer.

A memorável vitória de Carlos Lopes, na maratona, a mais importante prova dos Jogos Olímpicos, tinha honras de primeira página na edição de 16 de Agosto.



O então director-adjunto, o camarada José Manuel dos Santos, assinava um brilhante artigo intitulado «Lopes e Mamede: duas faces do mesmo povo».

Ainda no desporto, na edição de 27 de Setembro noticiava-se a atribuição da medalha de mérito desportivo ao futebolista Nené, do Benfica, «o jogador português com maior número de internacionalizações na história do desporto-rei no nosso país».

Nené que, ao serviço do Benfica, encantou a Europa e o mundo com o perfume do seu futebol, em jornadas inesquecíveis.

1985

Portugal na CEE e PS em todas as autarquias António Macedo secretário-geral

Na primeira edição do «Acção Socialista» de 1985 - o n.º 318 - são passados a pente fino os ditos e feitos nacionais e internacionais que marcaram 1984. Porém, logo nas primeiras duas páginas, o destaque vai

para o ano que começa, aquele proclamado pela Organização das Nações Unidas como Ano Internacional da Juventude.

«Um Balanço e um Voto» é o título do artigo em que o camarada José Apolinário, en-

tão líder da JS, faz um «depoimento», comprometendo-se, desde as primeiras linhas do texto, a ser frontal na sua análise pessoal da realidade política da JS.

O segundo número do «AS» de Março denuncia, logo na primeira página, que foi «traição a boa fé dos socialistas que integraram a CNARP em 80».

A mesma edição inclui um artigo sobre a revisão da lei eleitoral autárquica que, segundo concluem os participantes de um mega-encontro da FAUL, deve continuar a obedecer ao método de Hondt.

Já na última página do «AS», destaca-se a nomeação «feita em tempo recorde» de Mikhail Gorbachev para a sucessão de Chernenko. Uma nova era nas relações internacionais estava prestes a começar.

A primeira publicação de Abril dá conta de «uma certeza». É que Portugal ansiava pela sua integração na Comunidade Económica Europeia (CEE) e, por isso mesmo, a equipa redactorial do «AS» preparou, duas edições depois, um dossier sobre como



douro entre o PS e o PSD, na altura as duas faces da coligação do Bloco Central.

A 13 de Junho, o semanário do PS dava a grande notícia. «Conseguimos!» – Assinado o Tratado de Adesão à CEE», pode ler-se na primeira página do n.º 341 do «AS», ocupada na íntegra por uma foto onde o chefe do Executivo português assina, nos Jerónimos, o referido documento histórico. Duas semanas depois o Órgão Oficial do PS publicava, na última página, que Mário Soares tinha formalizado, em carta dirigida ao Presidente da República (Eanes) o seu pedido de demissão, surgindo Almeida Santos como candidato sucessor.

Numa edição especial, marcada pela cor, o «Acção Socialista» faz o apanhado geral da Convenção Nacional do PS em que Mário Soares se assumiu, com o apoio incondicional das bases, como o «candidato natural da democracia» para a Presidência da República.

O ano de 1985 foi também aquele em que as eleições legislativas levaram o PS a reverter o seu papel de oposição responsável, firme e construtiva face à governação laranja que durou uma década.

Em Novembro, Mário Soares transmitiu as funções de secretário-geral do PS a António Macedo, uma notícia destacada no semanário socialista.

O último número do «AS» de 1985 passa em revista os acontecimentos do ano, salientando a recuperação eleitoral do PS com as eleições autárquicas, onde, pela primeira vez, o Partido concorria em todos os concelhos do País.



nasceu esta entidade transnacional, quais os seus organismos constituintes, e o debate no homicídio de São Bento.

No segundo número de Maio, o «AS» fez manchete com a visita do Presidente norte-americano Ronald Reagan a Portugal, recebido por Mário Soares, então primeiro-ministro.

Idêntico destaque recebeu o comunicado de uma reunião da Comissão Política do Partido em que se defendia a estabilidade do País através de um entendimento dura-

1986

«Soares é fixe»

Vítor Constâncio secretário-geral

A inauguração da campanha de Mário Soares para as eleições presidenciais abre e fecha primeiro número do Órgão Oficial do Partido Socialista, no ano de 1986.

Numa edição parcialmente a cores e completamente dedicada ao acto eleitoral para a chefia de Estado, o «Acção Socialista» está em festa. Em toda a extensão da sua primeira página, o semanário do PS mostra Mário

Soares a ser aclamado nas ruas de Lisboa e escreve, com o verde e rubro nacionais, a manchete «Soares Presidente».

Duas semana depois, o «AS» noticia que Soares se assumiu como «o Presidente de todos os portugueses», renunciando às funções de secretário-geral do PS, mas sem, contudo, renunciar às suas convicções.

No mesmo ano em que a Constituição da

República Portuguesa completava dez anos de existência e em que as contas orçamentais da administração cavaquista saíram furadas da Assembleia da República, os dirigentes socialistas Vítor Constâncio e Jaime Gama candidataram-se ao cargo de secretário-geral do PS, saindo vencedor o primeiro, no VI Congresso Nacional do Partido, conforme noticiou o «AS» n.º 395, de 3 de Julho de 1986, parcialmente editado a cores.

Entretanto, é constituída uma nova equipa para o Secretariado Nacional. António Guterres, então com 37 anos, era o novo responsável pela Organização.

Ainda no VI Congresso, os congressistas, num momento de grande emoção, deliberaram, por unanimidade e aclamação, eleger António Macedo presidente honorário do Partido Socialista.

É também em 1986 que, no «Acção Socialista», é instituída uma nova direcção. Para as funções de director e de director-adjunto, até então desempenhadas por Alfredo Barroso



e José Manuel dos Santos, respectivamente, são encaminhados António Macedo e António Manuel.

Em Agosto, o secretário-geral do PS, Vítor



Constâncio, acompanhado pelo presidente do Partido, Tito de Morais, visitou a redacção do «AS», quando a edição n.º 400 desta publicação estava a ser elaborada.

Na ocasião, o camarada Vítor Constâncio trocou impressões com o novo director, José Manuel Vilaça, e restantes elementos da redacção, sobre o modo como era feito o jornal, percorrendo, depois, os vários departamentos da CEIG, a empresa gráfica onde o «Acção Socialista» era composto e impresso. Após noticiar que o Secretariado Nacional do PS denunciara a intenção cavaquista de abrir uma «crise artificial», o Órgão Oficial do PS centra a sua atenção no encontro de trabalho entre Vítor Constâncio e Willy Brandt, a que se seguiu a exposição dos dois líderes socialistas sobre a situação política de Portugal e da República Federal da Alemanha perante os deputados socialistas do Parlamento Europeu.

A fechar as edições de 1986, o «AS» chama à primeira página a Convenção da Esquerda Democrática, remetendo o leitor para as páginas centrais onde publica o texto de Vítor Constâncio intitulado «Queremos vencer a direita e não apenas substituí-la episodicamente».

1987

O ano da crise

Soares apela ao respeito pelos direitos das oposições

O balanço político do ano anterior – 1986 – foi, como se tornara habitual, o destaque da primeira edição do «Acção Socialista» de 1987, que incluía artigos dos camaradas Elisa Damião e Ferraz de Abreu.

No n.º 426, o semanário do PS garante, em manchete, que o governo-sombra debateu a política industrial e deixou paralisado o executivo de Cavaco Silva, ao mesmo tempo que sublinha a vitória socialista por maioria absoluta nas eleições para a CT da Lisnave.

Em Abril e por ocasião do 14.º aniversário do Partido Socialista, o «AS» destaca, em primeira página, uma mensagem do então presidente do PS, o camarada Manuel Tito

de Morais, dirigida aos militantes de base. No texto, o camarada Tito de Morais convidava os socialistas a resolverem o problema criado pela direita representada pelo PSD, que há oito anos desfrutava do poder, considerando-se dono de Portugal e levando País à beira do colapso.

O aviso parecia premonitório, é que duas edições depois, no semanário socialista, lia-se, em letras gordas «Eleições», anunciando que o Presidente da República tinha dissolvido a Assembleia da República e convocado eleições antecipadas para 19 de Julho. Tratava-se do fim da primeira etapa da crise política iniciada com a apresentação pelo PRD de uma moção de cen-

sura.

Com o arranque do período de pré-campanha para as legislativas, o semanário do PS acompanha o «homem de confiança» dos socialistas, Vítor Constâncio, que não hesitou em garantir às bases e ao povo português que não faria alianças pós-eleitorais com o PSD, conforme é possível constatar no «Acção Socialista» de 11 de Junho. O n.º 450 do «AS» dá conta dos resultados eleitorais, afirmando que estes alteraram o quadro partidário.

O PS resistiu à direita e confirmou a liderança da esquerda, iniciando a legislatura



com um novo Grupo Parlamentar.

Entretanto, já em meados de Agosto, a última página do semanário socialista oferecia um artigo de fundo em que se abordava o rumo defendido pelo Presidente Soares face à tomada de posse do novo Executivo – o segundo de Aníbal Cavaco Silva.

Mário Soares destacou, no discurso que

1988

Oposição construtiva: o cerco a Cavaco A greve geral

«Há manchas de atraso que urgem eliminar.» Foi este o alerta deixado pelo Presidente da República, Mário Soares, na mensagem de Ano Novo que o Órgão Oficial do Partido Socialista registou no seu primeiro número, o 474, de 1988.

É também nesta edição de 7 de Janeiro que o camarada António Macedo se despede, pedindo que lhe deem um PS «forte, coeso e disciplinado».

«O Acção Socialista», em mais uma edição colorida, dedica grande atenção à esmagadora apoio recebido pelo camarada Vítor Constâncio no VII Congresso do Partido que o elegeu com 93,7 por cento dos votos.

A primeira página do «AS» n.º 485 é quase inteiramente dedicada às diferentes acções de protesto, no âmbito da primeira greve geral realizada pelas duas centrais sindicais contra a proposta de revisão da



proferiu por ocasião da investidura do Executivo, a necessidade de respeito pelos direitos das oposições e de diálogo, recolocando o Parlamento no lugar central do debate político de uma democracia representativa.

Quase no fim de 1987 o Órgão Oficial do Partido Socialista passa em revista a importante cimeira que reuniu os chefes máximos da então União Soviética e dos Estados Unidos da América, respectivamente, Mikhail Gorbachev e Ronald Reagan.

«Quando, no dia 10, Reagan e Gorbachev assinaram o tratado de redução de todo o grupo de armas nucleares, uma parte da humanidade respirou de alívio, outra ficou indiferente, outra ainda nem sequer soube. Uns quantos, por razões diferentes.» Foi assim como o «AS» anunciou o princípio do fim da tão temida guerra-fria, sublinhando que, com uma nova ordem mundial, Portugal passava a posicionar-se no centro da ligação EUA-Europa.



legislação laboral de onde surgiu a infeliz lei dos despedimentos laranja.

Na mesma página em que se apelava à greve geral e se denunciava o abuso em que poderia resultar uma injusta requisição civil, criando uma espécie de estado de sítio encapotado, o semanário socialista anunciava a recandidatura de François Mitterrand à Presidência da República francesa, numas eleições em que sairia vencedor na segunda volta.

A preocupação na área das relações internacionais está patente na página 5 do «AS» em que se propõe desenvolvimento em vez da temida «Guerra das Estrelas», assunto abordado numa reunião do Comité de Política Económica da Internacional Socialista, que decorreu no Estoril.

Em Junho, o pacote laboral do PSD é «chumbado» no Tribunal Constitucional que o declarou inconstitucional, enquanto a Comissão Política do PS reclamava a remodelação do Governo que acabaria por acontecer poucas semanas depois, pese a maioria absoluta de que desfrutava o Executivo laranja.

Volvidos três meses, o «AS» noticia que o Parlamento Europeu condenou a ocupação indonésia de Timor-Leste, no âmbito de uma iniciativa de deputados socialistas.

No final de 1988, o camarada Vítor Constâncio confessa, na Comissão Nacional do Partido onde foi discutida a sua

1989

A era de Sampaio PS defende Europa comunitária e vence autárquicas

Com a saída de Vítor Constâncio da liderança do Partido Socialista, o «AS» anuncia as candidaturas ao cargo de Secretário-geral de Jorge Sampaio, então líder da bancada parlamentar do PS, e de Jaime Gama.

Na primeira edição de 1989, o semanário socialista inclui um artigo de opinião de Jorge Sampaio na página intitulado «Um Ano Decisivo» em que o candidato garante vir a encarar os desafios que se lhe avizinham com «confiança».

O VIII Congresso culminou com a vitória de Jorge Sampaio, cuja confiança, de facto, não foi defraudada.

É também em 1989 que António Guterres é eleito líder parlamentar em substituição de Sampaio e que a revista «Finisterra» é lançada pela Fundação José Fontana, cujo núcleo de responsáveis editoriais incluía os camaradas António Reis, Eduardo Lourenço e Fernando Pereira Marques, como é noticiado na primeira página do «Acção Socialista» n.º 530.

A questão europeia foi sempre uma batalha de grande importância para o Partido Socialista que desde o começo da construção da Europa comunitária defendeu uma política de cooperação transnacional. No «AS» de 2 de Março, relata-se a intervenção de Jorge Sampaio no Parlamento sobre a vantagens em termos de desen-



demissão, não sentir-se em condições de imprimir um estilo que introduza alguma racionalidade e um sentido institucional na vida política.

Por seu turno, a esmagadora maioria das estruturas PS apoiam Constâncio, pedindo-lhe para que reconsidere o seu afastamento. A isto, o secretário-geral responde com um simples «estarei ao vosso lado na luta pela modernização solidária», conforme atesta a manchete do semanário socialista de 10 de Novembro.



volvimento económico e progresso social do mercado único.

«Mudar Portugal para Portugal ganhar» foram as palavras de ordem que ecoaram no recinto do Pavilhão Carlos Lopes e que o «Acção Socialista» transportou para a sua primeira página, em Março, por ocasião do começo do PS.

No evento, que contou com a presença do secretário-geral do Partido, ficou célebre a

afirmação de Sampaio, segundo a qual o Governo cavaquista não era uma orquestra afinada, mas «uma fíflia de várias vozes, cujo maestro vagueia distraído ao fundo da sala em pose altaneira».

A edição 548 do «AS» dá grande destaque às eleições europeias, bem como a toda a dinâmica socialista em torno delas.

«O Partido, mobilizado, apresenta por todo o País propostas realistas, voltadas para os exigentes desafios do presente e do futuro», diz a manchete do Órgão Oficial, encimada por uma fotografia de Jorge Sampaio em contacto com a população. O resultado positivo das europeias para a Esquerda Democrática é retratado, na penúltima edição de Março de 1989, onde se desenha uma nova meta, a de 1991.

Também por esta altura, Mário Soares é eleito presidente honorário da Internacional Socialista, facto que enche de orgulho todos os camaradas e que foi merecidamente destacado na primeira página do «Acção Socialista» n.º 551.

No mês de Julho, a manchete do «AS» dava conta da candidatura de Jorge Sampaio à Câmara Municipal de Lisboa e da eleição de João Cravinho para vice-presidente do Parlamento Europeu.

No Outono de 1989 não só as folhas secas caíram, também o Governo cavaquista foi desacreditado perante os portugueses



com uma moção de censura à «politiçueira» laranja que teve na linha da frente, sempre em posição ofensiva, Jorge Sampaio. O final do ano trouxe mais alegrias aos camaradas socialistas. Sampaio, à frente de uma coligação de esquerda, venceu em Lisboa e o PS assumia a liderança de 120 municípios, recolhendo 32,3 por cento dos votos, conforme ficou referenciado na edição a cores do «Acção Socialista» n.º 576.

1990

PS: uma referência da contemporaneidade portuguesa Tito de Moraes eleito presidente honorário

A década de 90 começou para o «Acção Socialista» com a notícia da reunião entre os presidentes de câmaras, coordenadores de federações e a direcção do Partido Socialista.

O evento pretendia fazer o balanço alargado dos resultados eleitorais das autárquicas e a preparação das actividades políticas para o novo ano.

O grande destaque desta edição n.º 578 vai para a apresentação, a cargo de Arons de Carvalho, do projecto PS para as televisões. Nas páginas centrais o semanário socialista fundamenta a tese sustentada no título, «PSD só quer televisão privada depois das eleições de 1991».

Com Soares na Presidência da República, Sampaio na Câmara Municipal de Lisboa, Vítor Constâncio na política europeia e a oposição crítica e construtiva do PS ao Executivo laranja compõe-se a primeira página da edição de 15 de Março do «AS», retratando, desta forma, o lugar de destaque que o socialismo democrático ocupa não só na vida nacional mas também no panorama internacional.

O n.º 593 do semanário socialista que assinala o 17º aniversário do Partido Socialista é também a edição em que a manchete desmonta a «nova fase de malarbarismos PSD/Governo», denunciando, em letras gordas, que «Cavaco serve cli-



entelas, não o interesse nacional». O título «Cem dias desastrosos à frente da saúde – Política ignorante mas atrevida» remete para as páginas 6 e 7 do Órgão Oficial do PS, onde um texto de seis colunas informa que o responsável nacional do Partido para a Saúde, Correia Campos, fez o balanço dos cem primeiros dias do então novo ministro do sector, usando nos entrefolhos palavras-cha-

ve como «nada de novo», «ficção», «intolerável», «caricatura», «pior Estado», «um caos», «retórica» e «derrotado e confundido».

Chegado o final de Maio de 90, havia decisões a tomar e convicções a reafirmar. A cidade do Porto foi palco, nos dias 25, 26 e 27 de Maio, do IX Congresso do Partido, congresso de onde Jorge Sampaio sairia vencedor indiscutível com um escrutínio geral que lhe valeu 91,4 por cento dos votos das bases, conforme destaca o «Acção Socialista» n.º 599, que dedica a sua primeira página a cores à reeleição do carismático secretário-geral.

No mesmo evento, o camarada Manuel Tito de Moraes é eleito presidente honorário do PS por proposta aclamada de Sampaio e Ferraz de Abreu.

E porque o PS é marca perene da história contemporânea portuguesa, o seu Órgão Oficial faz disso eco na última edição de Setembro.

O destaque vai para o patrocínio de Mário Soares à homenagem realizada ao general Humberto Delgado na mesma ocasião em que os seus restos mortais foram trasladados do cemitério dos Prazeres para o Panteão Nacional.

Na primeira página do n.º 611 é também anunciada a publicação de um livro sobre a vida e acção do insigne socialista José Fontana, fazendo-se, ainda, man- chete com o falhanço da inflação - «res-



ponsabilidade do Governo, não da crise do golfo» - e com a cimeira parlamentar do PS, onde os camaradas socialistas convidam, nos Açores, a uma «aposta numa nova visão da autonomia».

Nas duas edições que se seguiram, o «Acção Socialista» anunciou a decisão de Mário Soares de recandidatar-se à Presidência da República e a reafirmação da sua essência política e humana. «Sou socialista, republicano e laico», lê-se na manchete do jornal 613, de 11 de Outubro.

1991

PS condena massacre de Santa Cruz, Soares recandidata-se e Portugal preside à CEE

O empenhamento na reeleição do líder histórico do PS para a Presidência da República inaugura, com um apelativo «Votar Soares», o ano editorial de 1991 para o «Acção Socialista».

O segundo número do Órgão Oficial chama à primeira página a notícia da vitória de Mário Soares para o seu segundo mandato como «Presidente de todos os portugueses» com a maior percentagem de sempre, 70,4 por cento.

O primeiro ano da década de 90 é também um ano em que Jorge Sampaio reclama, cada vez com mais empenhamento, uma televisão pluralista para o nosso país. Os anos 90 são ainda e para os socialistas, «a década social». Assim, o n.º 627 do «AS» informa que Jorge Sampaio se preparava para anunciar um programa integrado em prol da dignidade dos idosos.

A manchete do semanário do PS de 14 de Fevereiro cita o secretário-geral socialista num título de primeira página: «Quero debater com Cavaco Silva o Futuro de Portugal», reafirmando a vontade do Partido e das suas principais figuras representativas em acompanhar a par e passo a evolução do quotidiano sociopolítico e em fazer face aos reptos de tempos que se aproximavam.

As preocupações com as políticas de integração europeia e a consciência



ambientalista ganham novo fôlego com as investidas do PS que são, ao longo do ano de 91, matéria noticiosa no «Acção Socialista».

É que, como afirmou Jorge Sampaio por ocasião do 18º aniversário do Partido, onde o Órgão Oficial também esteve presente, o PS queria e tinha de ser «um Partido preparado para responder aos desafios do Portugal moderno».

O «AS» de 13 de Junho informou os seus leitores que Cavaco Silva recusava debater com a oposição, enquanto o Presidente da República, Mário Soares, apontava para sérios indícios de corrupção na governação laranja.

«Informações manipuladas no sector público», «Ausência de pluralismo», «Privatizações levantam dúvidas sobre transparência» e «Estatutos da RTP precisam de reformulação» são títulos chamados a primeira página na edição do semanário socialista n.º 646.

No panorama internacional, 1991 foi um ano de intranquilidade e fortes abalos políticos. Na então União Soviética, ameaçada pelo caos económico e social, tinha lugar uma tentativa de golpe de Estado fálhada contra Mikhail Gorbachev.

Meses depois do «desgastado» reformista afasta-se do Kremlin e Boris Ieltsin é colocado à frente dos destinos da segunda potência mundial.

O «Acção Socialista» registava, na última edição de Agosto, os acontecimentos na USSR e manifestava, na primeira página, a solidariedade do PS com o povo soviético. De volta na política nacional, o semanário do Partido faz o balanço das eleições legislativas que opuseram a alternativa socialista liderada por Jorge Sampaio à estagnação governativa de Cavaco Silva, escrevendo em letras gordas «PS aumenta 405 mil votos». Era o princípio do fim do oásis laranja.

A 14 de Novembro, os militantes socialistas ficam a saber que António Guterres tinha apresentado a sua candidatura à liderança do PS e que Jaime Gama presidiria



ao Grupo Parlamentar.

Uma semana depois, o «Acção Socialista» informa que Sampaio se recandidatava à liderança que haveria de ser instituída num congresso antecipado para Fevereiro de 1992.

No mesmo número, o 669, o Órgão Oficial do PS destaca a condenação socialista do massacre de Santa Cruz, exigindo a redefinição da estratégia nacional para Timor-Leste.

A última edição do «AS» em 1991 dá conta de um acentuar de posições por parte dos socialistas no Parlamento sobre política europeia. É que os deputados defendiam um «protagonismo mais firme» para a presidência portuguesa da CEE.

Neste sentido titulava-se na edição seguinte: «Guterres: conferir nova agressividade à vida política portuguesa», e acrescentava «É preciso resolver vários problemas do PS. É necessário que o PS seja um partido organizado e aberto ao exterior, que tenha um novo dinamismo na acção e na oposição, que fale claro ao País e que seja entendido. Um dos problemas tradicionais do Partido Socialista é o défice de comunicação com o País, e eu, sinceramente, acho que posso ajudar a resolver este problema».

Os resultados das eleições para os delegados ao Congresso faziam a manchete da edição número 678. A larga vitória da moção suscrita por António Guterres fazia já antes a sua eleição para secretário-geral no X Congresso.

Na edição a cores do «Acção Socialista», de 27 de Fevereiro, a foto de António Guterres e da Mesa do Congresso preenchia por completo a primeira página. Lá dentro uma extensa reportagem sobre os trabalhos do X Congresso.

Na edição de 5 de Março, já sob a direcção do camarada José Lamego, escrevia-se no editorial: «O Acção Socialista é uma tribuna de opinião do Partido Socialista e de todos os socialistas. (...) O Acção Socialista acolherá a diferença e estimulará a crítica. A pluralidade de pontos de vista, a livre opinião e o espírito crítico constituem o melhor da cultura filosófica e política em que os socialistas portugueses se revêm. É também imprescindível que os dirigentes partidários escrevam mais.»

Os frutos da nova oposição protagonizada por António Guterres, à medida que percorre todo o País incluindo as ilhas, começam a fazer-se sentir. Um mês após a sua eleição como secretário-geral do PS, numa sondagem *Público-Norma* a que o «Acção Socialista» se refere na edição de 23 de Abril, ultrapassa os 40 por cento das inten-



ções de voto.

Numa crescente acutilização relativamente à política implementada pela maioria cavaquista, o PS, através do seu Órgão Oficial, vai desmascarando o Governo: «Economia à deriva: primeiro-ministro afunda-se em contradições», avisava o camarada Manuel dos Santos em conferência de Imprensa na Sede Nacional, enquanto Guterres se desdobra em contactos e em reuniões nacionais e internacionais, conforme se pode constatar nas páginas do «Acção Socialista».

Mas o ano de 1992 ficaria também negativamente marcado pela morte de Willy Brandt. Na edição de 15 de Outubro o «Acção Socialista» dava conta do acontecimento, descrevendo o Nobel da Paz e ex-chanceler alemão como «o homem que transformou a Internacional Socialista de um simples movimento europeu na maior organização política mundial.»

1992

Guterres eleito secretário-geral Uma nova oposição

O principal acontecimento político da vida interna do Partido Socialista, deste ano, foi a realização a 21, 22 e 23 de Fevereiro do X Congresso Nacional, no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa. Este Congresso que marcou a eleição de António Guterres para secretário-geral do Partido Socialista, foi o principal tema abordado nas páginas do «Acção Socialista».

Embora a primeira edição deste ano faça manchete do projecto-lei do PS sobre a composição da Alta Autoridade para a Comunicação Social e do debate parlamentar em que Arons de Carvalho questionou a maioria cavaquista sobre a RTP, deixa desde logo transparecer qual é o assunto que começa a dominar a atenção do Partido.

Isso reflecte-se nas edições seguintes onde se dá conta dos debates na RTP e na TSF, das agendas de campanha dos dois principais candidatos – havia também o médico Álvaro Bezeira –, a par das respectivas moções globais e sectoriais.

Na edição de 16 de Janeiro, o «Acção Socialista» afirmava, reportando-se a uma entrevista dada pelo camarada Jorge Sampaio ao «Expresso», que «O Partido Socialista, enquanto estrutura, não foi ca-



paz de ter uma ligação profunda com a sociedade, com excepção da movimentação autárquica. Nem em termos de rejuvenescimento nem em termos de ser portador de novos temas». Talvez por isso, José Sócrates, na página seguinte, afirmava ser «necessário um novo estilo de oposição».

1993

O desaparecimento de Natália Correia e Salgado Zenha PS vence e reforça poder autárquico Festival Mundial da YUSY

Internamente, o ano de 1993 foi o ano de confirmação da liderança de António Guterres à frente dos destinos do Partido Socialista, tendo-se feito na edição de 25 de Fevereiro um balanço sobre a actividade política de António Guterres enquanto secretário-geral do PS. Numa entrevista ao semanário «Expresso» de que o «Acção Socialista» fez eco na edição de 4 de Março, António Guterres salienta que «o nosso objectivo central é ganhar as eleições de 95». Na edição de 18 de Março, o «Acção Socialista» chama à primeira página o falecimento da poetisa Natália Correia sobre quem o camarada Manuel Alegre na edição seguinte escreveu: «Ela era a Feliteira Cotovia, desafiava os homens e os deuses, punha em causa a ordem e a moral estabelecidas, contestava as certezas e os dogmas, combatia todas as inquisições e

todas as tiranias.»

A fechar Março, o PS organiza o «Parlamento do Idoso», na Assembleia da República, de que o «Acção Socialista» dá amplo destaque na sua primeira edição de Abril. Ainda neste mês e a propósito das comemorações dos vinte anos da fundação do Partido Socialista, o seu Órgão Oficial organizou «uma mesa-redonda de discussão sobre problemas actuais do socialismo democrático», de que viria a publicar um caderno dedicado ao tema «O Socialismo Hoje». Enquanto as sondagens continuam a dar sinais positivos, o PS vai apresentando um conjunto de propostas e de reformas das políticas governamentais a que o autismo cavaquista fez orelhas moças. Propostas como a criação da Rede Social de Segurança, o Provedor do Idoso, o Rendimento Mínimo Garantido e na áreas da seguran-

ça e do emprego não colhem qualquer simpatia da maioria cavaquista.

Paralelamente, as críticas e as queixas avolumam-se. É o trabalho infantil que triplica, são as denúncias de eurodeputado António Campos sobre as vacas loucas, é a Função Pública, é a situação económica que se degrada, são as empresas que fecham às centenas. Por tudo isto, o camarada Manuel Alegre numa intervenção a 23 de Junho na Assembleia da República, que o «Acção Socialista» transcreveu na íntegra, acusa o PSD de «conspiratividade aguda», e justifica: «A maioria de Governo não só despreza as minorias como ignora outras maiorias. A legitimidade de governar procura sobrepor-se a outras legitimidades. A maioria absoluta tende a ser confundida com poder absoluto. É desta confusão de conceitos que nasce a teoria perversa das forças de bloqueio. Um só poder parece legítimo: o do Governo. Todos os outros são encarados como forças de obstrução ou de bloqueio.»



Posição esta reforçada por António Guterres na sua brilhante intervenção, durante o debate sobre o estado da Nação, ao referir que Cavaco «esgotou o crédito de confiança que os portugueses lhe manifestaram».

Entretanto, o PS prepara a sua máquina para as eleições autárquicas de Dezembro. Em Maio, conforme titula o «Acção Socialista», o PS aprova por unanimidade, na Figueira da Foz, durante a Convenção Nacional Autárquica, a Carta Autárquica, «documento que traça as linhas programáticas do Partido».

Sobre este assunto, fala Jorge Lação, responsável pelas Autarquias, que, em entrevista citada no «Acção Socialista» se mostra «confiante num bom resultado». Resultado que, afinal, viria a superar todas as expectativas, conforme se escreveu na primeira página da edição de 16 de Dezembro: «O PS venceu as eleições autárquicas de 12 de Dezembro. Teve o maior número de votos e ganhou o maior número de câmaras. Melhorou o que já tinha conseguido em 89. Esta é a melhor percentagem eleitoral de sempre do Partido Socialista.»

Mas este ano ficaria também marcado pelo falecimento no primeiro dia de Novembro de Francisco Salgado Zenha, co-fundador do PS. Sobre este «combatente pela democracia», escrevia o «Acção Socialista» na



edição de 4 de Novembro: «Existem homens que ficaram definitivamente gravados na memória antifascista e democrática do povo português. Homens que tornaram possível que a democracia, a liberdade e a justiça tivessem passado do domínio dos sonhos para o domínio da realidade.»

Ainda três outros acontecimentos de âmbito internacional marcariam o ano político: a vitória do PSOE e de Felipe González nas eleições espanholas, a vitória em Outubro do PASOK de Papandreu na Grécia com maioria absoluta e o Festival Mundial de Jovens Socialistas. O Festival da YUSY que decorreu no Porto, organizado pela JS, sob o lema «O Poder da Solidariedade», reuniu cerca de cinco mil jovens de 70 países entre 19 e 25 de Julho. «Obrigado Willy», foi a frase mais ouvida na homenagem ao Nobel da Paz Willy Brandt, cerimónia em que o escritor Salman Rushdie foi a surpresa e onde Mário Soares exortou à paz em Angola.

Para António José Seguro, líder da Juventude Socialista, e um dos principais organizadores do evento, «este festival não foi apenas um festival político reservado a socialistas, mas sim uma festa de todos aqueles que acreditam na paz e nos direitos humanos».

A fechar os acontecimentos deste ano ainda uma referência à mudança de grafismo do «Acção Socialista», na sua edição de 16 de Setembro.



1994

PS lança Estados Gerais e ganha europeias Sérgio Sousa Pinto sucede a António José Seguro

O ano de 1994 é marcado pela acção vigorosa do Partido Socialista quer ao nível da política europeia quer na política nacional, sempre acompanhada pelo «Acção Socialista».

O ano começou com as Jornadas Parlamentares do PS em Bragança, sob o tema «A Interioridade e o Desenvolvimento da Europa das Regiões».

A apresentação do projecto-lei do PS sobre a criação do Rendimento Mínimo Garantido marca um ponto alto da vida política nacional. A defesa da educação foi outra batalha que os deputados socialistas travaram na AR em 1994.

Este é também um ano de mudança para a Juventude Socialista que vê a sua liderança passar das mãos de António José Seguro para Sérgio Sousa Pinto.

A 19 a 20 de Março realizou-se no Porto a III Convenção Nacional do PS, sob o tema «Portugal e a Europa», onde se apresentou a política de fundo do PS em relação à construção europeia. A Comissão Nacional do



or diário político polaco, Adam Michnik.

Maio de 1994 ficará na história como o ano da vitória de Nelson Mandela. O ANC vence as primeiras eleições livres multirraciais e por sufrágio directo e universal realizadas na África do Sul. Em Portugal, Guterres propõe a reforma do sistema político no sentido de uma maior aproximação aos cidadãos.

Em Junho, o PS avança com uma proposta de revisão constitucional mas o acontecimento político seria a vitória socialista nas eleições europeias. É também este o mês em que são lançados os Estados Gerais para uma Nova Maioria, com vista à vitória nas legislativas de 1995. Lançar as bases de um governo que receba o apoio maioritário dos portugueses é o objectivo.

Os Estados Gerais, mobilizando militantes e figuras relevantes da sociedade civil, são um momento decisivo do ano socialista.

O camarada Jorge Coelho assume, em Julho, a sua candidatura à presidência da FAUL, num Verão quente em que o buzinaço na ponte 25 de Abril dá voz ao descontentamento da população. Uma violenta carga policial a lembrar os tempos da ditadura reprime os populares. O País indigna-se.

O ano de 1994 viu desaparecer o teórico do liberalismo, Karl Popper, e o maestro e resistente antifascista Fernando Lopes Graça. A Europa vai-se tornando mais vermelha com a vitória dos partidos socialistas sueco, dinamarquês e austríaco para os respectivos governos, e Arafat, Perez e Rabin são condecorados com o Nobel da Paz. Lisboa foi a Capital Europeia da Cultura e os líderes socialistas europeus fecharam o ano com um debate sobre a Europa e o problema do desemprego.

Em termos políticos, 1994 foi o ano de luta por uma nova maioria, da vitória socialista nas eleições europeias, da passagem de testemunho na Juventude Socialista e da preparação, com os Estados Gerais, das eleições legislativas.



partido reelegeram António Guterres como secretário-geral. Ainda neste mês, na edição do dia 17, o «Acção Socialista» passa a contar com um novo director: Fernando de Sousa, por seu turno, João de Almeida Santos continua a exercer, à semelhança do que já fazia com o anterior director, José Lamego, o lugar de director-adjunto.

Abril ficou assinalado pela apresentação dos candidatos socialistas às eleições europeias em que António Vitorino foi cabeça-de-lista. «Connosco na Europa, os portugueses têm uma voz» era o lema da campanha socialista.

O «Acção Socialista» publicou neste ano vários artigos de elevada qualidade sobre a Europa, entre os quais se salienta o debate entre um dos mais importantes filósofos contemporâneos, Jurgen Habermas, e o chefe de redacção do «Gazeta Wyborcza», o mai-

1995

Guterres, primeiro-ministro Sampaio anuncia candidatura à Presidência da República

Guterres, primeiro-ministro, titulava a toda a largura o «Acção Socialista», na sua edição de 5 de Outubro. Antes, muito antes, o PS e os portugueses começaram a apertar o cerco aos dez anos de prepotência cavaquista. Liderada pelo Partido Socialista a sociedade portuguesa dava, cada vez mais, mostras do seu inconformismo, tinha aprendido que o direito de se indignar lhe assistia por completo.

Reflexo disso manifesta-se logo na primeira edição deste ano do «Acção Socialista», onde se informa os leitores das intenções da bancada parlamentar socialista, então liderada por Jaime Gama. «Faremos de 95 o ano do combate pela transparência política», afirmou o camarada Jaime Gama em conferência de Imprensa convocada para o efeito, adiantando que o PS exigia a presença do primeiro-ministro, Cavaco Silva, no Parlamento, a fim de clarificar a situação política.

Ainda na mesma edição, o «Acção Socialista» dava conta do repúdio do PS relati-



vamente à brutal e inqualificável carga policial sofrida pelos trabalhadores da fábrica Manuel Pereira Roldão, da Marinha Grande. Neste sentido, pode ler-se que o PS «vai propor uma audição parlamentar na Comissão de Direitos, Liberdades e Garantias» e que «apóia a convocação urgente da Comissão Parlamentar do Trabalho».

Na última página desta primeira edição do ano destaca-se a mensagem de Ano Novo do Presidente da República, Mário Soares, na qual garante «que se mantém fiel ao compromisso de tudo fazer para evitar as crises».

Já na edição seguinte, de 12 de Janeiro, o «Acção Socialista» titula «Um país adiado!», a propósito dos erros cometidos pelo PSD: «Provocar irresponsavelmente o Presidente da República, recusar a proposta de antecipar as legislativas para Junho, rejei-



tar um debate com o primeiro-ministro, no Parlamento, sobre os problemas do País». «O socialista Miguel Torga foi-se embora. A sua obra continua e alimentará as novas gerações, enquanto a língua portuguesa servir de timoneira no nosso mundo e de elo de ligação entre cidadão e cidadão», escrevia o camarada Raul Rêgo, na última edição de Janeiro, a propósito do falecimento de Adolfo Correia da Rocha.

No mês de Fevereiro o principal destaque vai para a apresentação da candidatura do camarada Jorge Sampaio à Presidência da República. O acto decorreu na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa no dia 7. Mais tarde, a 1 de Julho, a Comissão Nacional do PS, sob proposta do secretário-geral, António Guterres, aprova por unanimidade e aclamação o nome de Jorge Sampaio como candidato do PS às presidenciais de 1996.

O número 828, de 16 de Março, com amplo destaque na primeira página, ocupava-se praticamente com a sessão de encerramento dos Estados Gerais para uma Nova Maioria, que reuniu no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, vários milhares de cidadãos e onde foi assinado o «Contrato de Legislatura».

«A Nova Maioria em Movimento» surge com a finalidade de divulgar as conclusões dos Estados Gerais. Com esta iniciativa, que se iniciou em Abril, Guterres percorre de novo o país real. O «Acção Socialista» acompanha ao longo de várias edições o desenrolar desta iniciativa que provoca uma crescente mobilização nacional em torno de António Guterres e do PS - Esperança corporiza-se no PS, titula-se a 15 de Junho -, que culmina com a vitória nas legislativas de 1 de Outubro.

«No 10 de Junho morreu um Ser Humano no Bairro Alto. Não morreu de morte natural. Morreu de morte racial.» escrevia-se no editorial do «Jovem Socialista», incluída na edição do dia 22, a propósito do assassi-

nato do jovem Alcino Monteiro por um grupo de skinheads na sequência das comemorações do 10 de Junho. Na mesma edição dava-se conta da intervenção do deputado Manuel Alegre, na Assembleia da República, sobre este assunto em que afirmou: «O racismo é, sobretudo, um problema moral e cultural.»

A finalizar o mês de Junho e, em jeito de balanço da legislatura cavaquista, o PS «denuncia a longa lista de promessas não cumpridas do PSD». António Guterres desmentiu Cavaco e o seu pretenso estudo sobre

as «promessas eleitorais dos socialistas» e aproveitou para afirmar que quando for Governo o PS não irá aumentar os impostos. Os últimos meses do ano são dominados pela vitória socialista, pela constituição do Governo da Nova Maioria e pela apresentação do Programa do Governo na Assembleia da República. Paralelamente, Jorge Sampaio desenvolve a sua pré-campanha que o levará em 1996 a Belém derrotando clamorosamente o candidato do centro-direita, o «homem que nunca se en-

1996

O ano da Rosa: Sampaio em Belém, Carlos César nos Açores

«Acção Socialista», 04/01/96, manchete: «O Ano da Rosa». Em jeito de balanço das legislativas de 1995, o ano de 1996 começa por celebrar a vitória de António Guterres. Já na segunda edição de 96, o «Acção Socialista» traz à primeira página Jorge Sampaio, candidato a sucessor de Mário Soares na Presidência da República. A morte de François Mitterrand foi também notícia. Registaram-se os dez anos da integração de Portugal na União Europeia. «Iniciou-se um novo ciclo» é o título do editorial de 19 de Janeiro sobre a vitória de Jorge Sampaio nas eleições à Presidência, onde se pode ler: «Com a eleição de Jorge Sampaio para Presidente da República, os portugueses confirmaram a plena adesão ao novo ciclo político que se abriu com as eleições legislativas de 1 de Outubro». Noutro título da mesma edição, sublinhou que Jorge Sampaio é «O Presidente de todos os portugueses».

A Cimeira Ibérica e as «vantagens da cooperação» estiveram em destaque na edi-



ção nº 867. A XII Cimeira Luso-Espanhola, que se realizou nos dias 17 e 18 em Madrid, ficou marcada pela resolução definitiva da questão do Alqueva e pelo protagonismo assumido pelo Governo de Lisboa. Em Fevereiro o «Acção Socialista» documen-



to o Acordo de Concertação Social assinado pelo Governo e parceiros sociais, no âmbito da política de diálogo. A CML foi também notícia pela apresentação por João Soares do Plano de Emergência para a reabilitação do parque urbano da capital.

Os cem dias do Governo da Nova Maioria foram assinalados na edição nº 869. O «Acção Socialista» faz uma breve resenha do que foi feito durante este período, salientando a postura dialogante assumida pelo Governo Rosa. «Cem Dias - A Nova Prática», é o título da primeira página.

O ano político prossegue com a apresentação do Orçamento de Estado na AR. «Orçamento de rigor mas em que a solidariedade e as preocupações sociais têm uma importância significativa» («Acção Socialista 15/02/98»). Foi também notícia a apresentação pelo ministro da Solidariedade e da Segurança Social, Ferro Rodrigues, de um pacote de medidas das quais se destacou a aplicação do Rendimento Mínimo Garantido, entre outras. «Rigor e solidariedade» são os termos escolhidos para título do editorial da edição de 15 de Fevereiro.

Em finais de Fevereiro é aprovado pelo PS o projecto de revisão constitucional. Este projecto apontava para uma maior participação dos cidadãos, descentralização e transparência da vida

política. O insigne socialista Cal Brandão foi homenageado no Porto por uma vida de fidelidade aos valores democráticos e antifascistas.

A aprovação do Orçamento de Estado pela AR preencheu grande parte das páginas do «Acção Socialista» de 7 Março que na semana seguinte assinalava a passagem de testemunho presidencial. Para o novo Presidente «Não há portugueses dispensáveis» (Acção Socialista 21/03/96). Nesta mesma edição, José Manuel Viegas assume o lugar de director-adjunto.

O grafismo do jornal sofre profundas alterações a partir de finais de Abril.

A vida partidária continua movimentada em Maio com a realização da VI Convenção Nacional do Partido Socialista em que é rejeitado liminarmente por todos os participantes um documento em que se faz a apologia do pós-modernismo, e pela reunião do Comité Económico da IS.

O Governo socialista continua a implementar o Rendimento Mínimo Garantido e empenhado na luta contra a droga. Na sua edição de 30 de Maio, o «Acção Socialista» publica as intervenções e moções do VI Convenção Nacional do Partido Socialista. Sérgio Sousa Pinto foi reeleito secretário-geral da JS.

Nesta segunda metade do ano o «Acção Socialista» publica vários ABC sobre temas como a regionalização, concertações sociais, Orçamento do Estado e aborto.

No debate sobre o Estado da Nação, «António Guterres fez um balanço da acção governativa e elegeu a integração de Portugal no núcleo dos países fundadores da moeda única como grande designação nacional» (Acção Socialista, 18/07/96). A «rentrée» política teve lugar com o já habitual comício de Faro, em que o «Acção Socialista» esteve presente, mas também com o Congresso da Internacional Socialista onde o secretário-geral do PS, António Guterres, apresentou alternativas progressistas ao fracasso das políticas



neoliberais.

Porém, Outubro tem para o PS/Açores a marca da vitória de Carlos César. Neste mesmo mês todos os portugueses puderam festejar o Nobel da Paz atribuído a Ximenes Belo e Ramos Horta.

O «Portugal Socialista» regressa às bancas com uma edição especial dedicada ao camarada Tito de Morais. Infelizmente, neste Outono desapareceu um símbolo da resistência antifascista, um combatente da liberdade, Mário Cal Brandão. Os «Estados Gerais: Portugal ano 2000» foram reeditados, com Guterres a declarar guerra aos bloqueios da sociedade, e o PS arranca para as autárquicas.

Em Novembro «Governo lança pacote antiburocracia» (Acção Socialista» 07/11/96, p.5) e a cidade de Lisboa acorda com a notícia do incêndio nos Paços do Município.

O «Acção Socialista» esteve presente na homenagem nacional a Tito de Morais, realizada no dia 30 de Novembro, na FIL. Ainda antes do final do ano e da discussão da revisão constitucional, Guterres abriu a Cimeira da OSCE.

Destaque ainda neste ano para a entrada em vigor, depois de aprovado nos finais de 1996 pela Assembleia da República, de um projecto-lei apresentado pelo deputado Fernando Pereira Marques sobre a «contagem especial do tempo de prisão e de clandestinidade por razões políticas para efeitos de pensão de velhice ou invalidez». Tratou-se de «um gesto de grande significado político e cívico».

Na edição seguinte, 16 de Janeiro, o «Acção Socialista» fazia um balanço sobre o primeiro ano de mandato de Jorge Sampaio, como Presidente da República e titulava «Um chefe de Estado justo e mobilizador dos portugueses». Sobre este assunto também se pronunciou Jorge Coelho que na edição seguinte dava uma importante entrevista ao «Acção Socialista».

O parecer de todas as Assembleias Municipais do Continente e Regiões Autónomas, sobre a consulta pública que a



quanto em Junho chegava a boa-nova de França: o socialista Lionel Jospin (sobre o qual o camarada Manuel Alegre escreveria um importante texto de reflexão política, edição nº 933) era indigitado para primeiro-ministro após ganhar as eleições para a Assembleia Nacional.

Por cá, a pequena política a que o PSD já nos habituou provocava alguma agitação política. A 22 de Maio o «Acção Socialista» publicou um extenso e pormenorizado trabalho em que se demonstrava, ministério a ministério, que por muitos *slogans* que o PSD arranje, nenhum consegue desmentir o brilhante trabalho do Governo de António Guterres.

O debate televisivo de António Guterres com os líderes dos partidos da oposição – Marcelo falou –, a vitória das posições portuguesas no Conselho Europeu de Amsterdão – Junho – o alargamento do Rendimento Mínimo Garantido a todo o País, o «Aumento das Pensões em mais do dobro da inflação», a apresentação por Jorge Coelho de um vasto conjunto de medidas «Contra o



Assembleia da República fez sobre a divisão administrativa do País, teve eco na edição de 20 de Abril. Na altura era evidente, apesar de algumas dúvidas relativamente ao contorno das regiões, uma enorme vontade em prosseguir com o processo de regionalização do País.

Outro momento alto deste ano foi a conclusão do processo de revisão constitucional que decorreu entre Setembro de 1996 e Fevereiro deste ano. Este longo e complexo processo, acompanhado de perto pelo «Acção Socialista», mereceu uma interessante entrevista com Vital Moreira presidente da Comissão Eventual de Revisão Constitucional.

A eleição «com ampla maioria» de Francisco Assis – que em Julho viria a dar uma entrevista exclusiva ao «Acção Socialista» – para a liderança do Grupo Parlamentar do PS, foi outro dos assuntos, que a par do programa de «Adopção 2000», do anúncio do financiamento por Bruxelas da Barragem do Alqueva e da inauguração do Busto de Salgado Zenha na Assembleia da República, ocuparam as páginas do «Acção Socialista» durante Março.

«New Labour: Vitória esmagadora dos trabalhistas britânicos», titulava-se no início de Maio a propósito da vitória de Tony Blair nas eleições em Inglaterra, en-



Abuso e Tráfico de Droga», e das reformas da Administração Pública e da apresentação da «Loja do Cidadão», foram alguns dos momentos igualmente importantes deste segundo ano do Governo socialista que o «Acção Socialista» acompanhou de perto.

1997

Mais câmaras e freguesias: vitória histórica Revisão constitucional

«Foi um triunfo em toda a linha, domínio passado o PS conseguiu atingir a totalidade dos seus objectivos. Em número de votos, os socialistas deixaram os partidos da oposição a grande distância. Conquistaram mais câmaras municipais do que qualquer outra força política. O triunfo estendeu-se ainda ao número de mandatos e de juntas de freguesia. A presidência da Junta Metropolitana de Lisboa, finalmente, deixará de ser comunista passando para o PS, que também ganhou Aveiro, que bateu o PSD em Castelo Branco, Portalegre e Angra do Heroísmo, e domina a esmagadora maioria das capitais de distrito do País», escrevia o «Acção Socialista» na sua edi-

ção de 18 de Dezembro, onde apresentava, também uma extenso balanço sobre as eleições autárquicas de 14 de Dezembro.

O deputado Manuel dos Santos escrevia na sua habitual crónica quinzenal, nesta mesma edição, que a vitória do PS nas eleições autárquicas tinha sido como que um «cartão verde para a estabilidade».

Ao longo de várias edições anteriores, o «Acção Socialista» acompanhou de perto a generalidade das campanhas autárquicas dedicando-lhe várias páginas e sempre que possível estando presente em acontecimentos promovidos pelas várias concelhias ou federações.

1998

Expo e Portugal no euro

O balanço do ano de 1997 abre, como habitualmente, o novo ano e vigésimo do Órgão Oficial do Partido Socialista.

Na primeira página desta edição, a n.º 956, o «Acção Socialista» chama a atenção para a sucessão do comunista Daniel Branco por João Soares como presidente da Junta Metropolitana de Lisboa.

Ainda como manchetes, foram destacadas as notícias do começo das emissões regulares da RTP-África, do empenhamento do Ministério da Administração Interna na actualização dos cadernos de recenseamento eleitoral e da decisão do ministro adjunto do primeiro-ministro, José Sócrates, de «correr» com os placards publicitários das estradas portuguesas, bem como das zonas externas às áreas urbanas.

Poucas semanas depois o País e, muito especialmente a grande família socialista,



durou sete dias e que levou o primeiro-ministro português até à República Popular da China para assegurar a «transição tranquila» da administração do território macaense.

Este ano é também aquele em que o PS comemorou o seu 25.º aniversário com um megajantar na FIL, que ficou assinalado pela participação do ex-Presidente da República Mário Soares.

Treze anos depois de ter participado pela última vez em actos político-partidários, o primeiro secretário-geral do Partido frisou que nunca como agora o PS foi tão forte. Em manchete do «Acção Socialista» ficarão perpetuadas as suas palavras de confiança relativamente ao actual PS. Soares reiterou a sua retirada das lides político-partidárias com a certeza de que deixara «tudo em boas mãos».

De facto, o fundador do PS não se enga-

conclusão da Cimeira Europeia em que foi aprovada a composição do núcleo de países fundadores da moeda única, «quero testemunhar o meu orgulho em ser português». É que depois de uma política de rigor, Portugal tinha entrado para o pelotão da frente da construção europeia e do euro. As portas do futuro abriram-se, de par em par para Portugal. Mas o País também ficou celebrado, em 1998, por ser o organizador da última Exposição Mundial temática do século e do milénio.

«O Futuro em Portugal», lê-se na primeira página do n.º 975 do semanário socialista. É que a Expo'98 tinha aberto as suas portas a tempo e horas, contra todos os maus augúrios, e a megafesta tinha começado, prolongando-se por 132 oceânicos dias. Outra boa notícia faz manchete no «AS» de 4 de Junho. A «Invicta Une a Europa pela Cultura», titula o Órgão Oficial, explicando que, depois de Património Mundial, o Porto vai ser a Capital Europeia da Cultura no ano 2001 em parceria com a cidade holandesa de Roterão. A decisão tinha sido tomada no Conselho de Ministros da Cultura da União Europeia, em Bruxelas.

O ano de 1998 é também o ano que ficará marcado por ser aquele que reafirmou a projecção internacional de Portugal. Não só a Expo e a nomeação do Porto como Capital da Cultura. Também a alma lusitana pôde orgulhar-se de ser a hospedeira da juventude mundial.

O «AS» n.º 984 dá conta da chegada de dez dias de folia juvenil. Na Costa de Caparica inaugurava-se, no dia 1 de Agosto, o Festival Mundial da Juventude, sob o lema «Juntos por Um Mundo Melhor».

Na edição que marcou a *rentrée* política, o semanário do PS faz o balanço dos três anos de governação socialista, ou seja, de desenvolvimento e de maior justiça social, onde ficaram perpetuados para a história da vida política portuguesa a realização de dois referendos, a luta feroz contra a toxicod dependência, a insegurança, a contaminação ambiental e a corrupção.



Free Hospital de Londres, vítima de doença prolongada.

O grande destaque do «AS» n.º 961 vai para as alterações à legislação relativa às eleições parlamentares. Segundo o semanário do PS, «o Governo socialista deu mais um passo importante para a concretização da reforma da Lei Eleitoral da Assembleia da República», sendo o processo conduzido com «rigor científico e transparência». Na edição seguinte, publica-se um suplemento com o projecto de alteração dos Estatutos do PS, um documento subscrito por todos os presidentes das federações distritais do Partido.

Dois outros suplementos foram publicados na primeira edição de Abril. O «Acção Socialista» publicava os novos Estatutos do PS, aprovados na reunião da Comissão Nacional de 14 de Março e os regulamentos relativos aos congressos federativos e à eleição do presidente da Federação.

Em matéria de política externa, o ano de 1998 ficará lembrado na primeira página do «AS» n.º 970 pela viagem de António Guterres a Macau, uma deslocação que



nou. Na edição seguinte do «AS», a manchete é dedicada ao «orgulho em ser português».

António Guterres afirmava, logo após a

eram confrontados com uma triste perda. Luísa Guterres, esposa do primeiro-ministro, António Guterres, falecera, durante a madrugada do dia 28 de Janeiro, no Royal

Textos de José Manuel Viegas, José Carlos Castelo Branco e Maria João Rodrigues

